

## **Para além do papel: memória e identidade do cidadão telemacoborbense pelas páginas do jornal *O Tibagi*.**

Ana Flávia Braun Vieira<sup>1</sup>  
Miguel Archanjo de Freitas Júnior<sup>2</sup>

A imagem que se tem sobre Telêmaco Borba<sup>3</sup> e seus munícipes nem sempre foi como hoje é dimensionada, por isso considera-se importante o estudo de sua configuração espaço-temporal – problematizando o conceito de regional – analisando os discursos que constituíram a região como tal, organizaram memórias e contribuíram na formação de identidade dos cidadãos.

Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES)<sup>4</sup>, a área de Telêmaco Borba, que teve sua emancipação da Comarca de Tibagi em 21 de março de 1964, abrange 1.385.532 Km<sup>2</sup> e, de acordo com a Lei Municipal 1759/90, 19,90 Km<sup>2</sup> constitui a área urbana. Além disso, limita o território a partir das divisas com os municípios de Curiúva, Ortigueira, Tibagi, Ventania e Imbaú. Estes dados que fixam as fronteiras do território telemacoborbense podem ser repensados a partir da problematização do conceito de região, entendendo que o que hoje se conhece por Telêmaco Borba fora um local com uma abrangência territorial e histórica maior.

BOURDIEU (2008), no texto chamado *A identidade e a representação - elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região*, trabalha com o argumento de que a delimitação desta não ocorre num espaço natural, mas a partir de imposições.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista CAPES sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (2009) e mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000). Atualmente é Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física, Coordenador do Programa de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID - Educação Física) e professor do Programa Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>3</sup> A região em questão pode ser chamada de Monte Alegre, fazenda comprada pela Klabin em 1941; Cidade Nova, núcleo habitacional organizado ao lado oposto à fábrica da família Klabin; e, finalmente, após a emancipação da localidade, em 1964, de Telêmaco Borba.

<sup>4</sup> Disponível em:

[http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=84260&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=84260&btOk=ok). Acesso em 27.02.13.

Para exemplificar, trabalha etimologicamente *regere fines* e *regere sacra*. O primeiro seria a delimitação de fronteiras por uma pessoa importante, encarregada do segundo, que é o ato de “fixar regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de predizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o porvir enunciado” (p.114). Assim, pode-se dizer que a região e seus limites são vestígios da autoridade, construídos e produzidos por uma imposição de um determinado detentor do poder, que decide o que faz ou não parte desse espaço.

Entendendo a região como um território sob o domínio de alguém, pode-se remontar a história do território e do atual município de Telêmaco Borba a partir de relações de poder que já vinham sendo exercidas havia muito tempo, antes da chegada da família Klabin na localidade.

O município paranaense conhecido atualmente como Telêmaco Borba só recebeu esta denominação quando de sua emancipação, no ano de 1964. Até esse período ele era dividido em dois territórios: Fazenda Monte Alegre propriedade privada da família Klabin, e Cidade Nova, que compreendiam moradias do lado oposto à Indústria Klabin, em relação ao Rio Tibagi (CARVALHO, 2006).

As terras que compreendem a região foram mencionadas, pela primeira vez em documento oficial em uma carta de concessão de sesmarias, que data de meados de 1727. Desse período até a compra da Fazenda Monte Alegre pelos Klabin em 1941, diversos grupos passaram e exerceram seu domínio pela localidade, como indígenas, tropeiros, bandeirantes, jesuítas e exploradores em geral. (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003; CUNHA, 1982).

A família Klabin, que já era consagrada na produção de papel, especialmente, em São Paulo, adquiriu as terras da fazenda em leilão, comprando-a do Banco do Estado do Paraná (BEP). Entre os sócios e familiares responsáveis pelos investimentos, dois nomes tem maior destaque, principalmente no processo de aquisição das terras da Fazenda Monte Alegre: Wolff Klabin e Horácio Lafer (MARGALHO, 2008). Ambos entendiam as relações políticas como essenciais para o desenvolvimento do grupo.

Destacam-se entre estas a amizade com Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná e homem de confiança de Getúlio Vargas, então Presidente da República<sup>5</sup>.

Durante uma tentativa de historicização de dada localidade é importante lembrar que esta não é constituída apenas dos fatos em si, mas da discursividades que os permeiam. Tais discursos podem ser percebidos nas narrativas do jornal *O Tibagi*, produzido e distribuído pela indústria Klabin na localidade e arredores. Este jornal será considerado aqui como o principal disseminador da narrativa a respeito da localidade, pois na construção das memórias e das identidades a mídia desempenha um papel fundamental (ENNE, 2004).

Entende-se que a memória é parte imprescindível na construção das identidades, que, por sua vez, evocam uma origem fundadora. Em uma relação de interdependência, o processo identitário se constrói dentro da formação e das práticas discursivas onde “a mídia é, por definição, lugar central desse processo” (ENNE, 2004:112).

A importância da mídia na construção das memórias e, concomitantemente, das identidades está pautada na ideia de verdade que se constituiu sobre esta. Para ENNE (2004)

a ideia da objetividade passou a se tornar referência fundamental nesse novo modelo de jornalismo [desenvolvido no decorrer do século XX]. A opinião começou a ser depreciada exatamente por seu caráter subjetivo. A preocupação com a verdade dos fatos tornou-se uma obsessão. A função do jornalista passou a ser não a de opinar, mas a de informar para formar (p. 112).

Essa postura adotada pelos jornalistas construiu uma credibilidade popular em torno do trabalho na exposição dos fatos, que eram agora encarados como verdades. Essa imagem de imparcialidade e neutralidade que se tinha dos jornais era

---

<sup>5</sup> Sobre esse processo VIEIRA (2013) escreve: “O relacionamento entre esses homens e a construção da unidade em Telêmaco Borba atendeu a diversos interesses: em primeiro lugar dos Klabins, que galgariam mais um degrau em sua ascensão política, econômica e social iniciada com a vinda do patriarca da família para o Brasil em 1889. Em segundo lugar, de Manoel Ribas, que visava o desenvolvimento econômico do Estado. Por fim, do próprio Getúlio Vargas, que além de questões estritamente industrializantes, sabia da importância da publicidade de seu governo através da imprensa e por isso incentivou a produção de papel nacional”. VIEIRA, Ana Flávia Braun. A história se repete: os bastidores da instalação da Klabin em Telêmaco Borba. Jornal Página Um. Castro – PR. 08 de fevereiro de 2013, p.02.

compartilhada tanto por profissionais quanto pelo público leitor sem questionamentos. O que se pretendia com esse discurso de veracidade era construir realidades - memórias, histórias e identidades -, característica que atingiu inclusive a estrutura das matérias dos jornais:

Compromissado com a objetividade e com a verdade, o jornalista reportaria somente os fatos, e não suas opiniões sobre eles. A opinião, supostamente, passou a ser confinada em espaços delimitados e reconhecidos por todos, como os editoriais, as crônicas, os artigos de fundo e as cartas dos leitores. Além de reportar somente os fatos, o jornalista passou a ter o poder de classifica-lo enquanto dignos de serem noticiados. Frente à sucessão de fatos que aconteciam na vida cotidiana e a ausência de espaço e tempo para registrar todos, coube ao profissional de jornalismo indicar quais deveriam ser transformados em notícias e, por tanto, expostos ao domínio de um público amplo. (ENNE, 2004:112)

Levando em consideração a condição de “portador da verdade” capaz de escolher o que deve ou não ser noticiado, o que é ou não é importante, a mídia impressa, ou mais especificamente o jornal *O Tibagi*, é grande responsável pela construção de memórias e identidades<sup>6</sup>.

A memória pode ser encarada como um processo próprio e exclusivo de indivíduos dentro de uma dada sociedade. Entretanto, é necessário pensar que este indivíduo é autônomo até certo ponto, uma vez que compartilha de valores e interesses comuns do grupo em que está inserido.

No processo constitutivo da memória existem elementos que se tornam realidade e fazem parte da própria história da pessoa mesmo que ela não tenha o vivenciado pessoalmente, mas que alguém do grupo com o qual ela se identifica tenha o vivido. Essa espécie de herança da memória passa por meio da “socialização política” ou da “socialização histórica”, possibilitando que esta seja transmitida gerações após gerações com elevados graus de identificação (POLLAK, 1992:02)

---

<sup>6</sup> Neste trabalho identidade está sendo pensada como “o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria apresentação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992:05).

É dentro desse processo de construção da memória, com o intuito de evitar questionamentos ou possíveis problemas colocados por indivíduos ou coletivos externos, que o grupo dominante organiza uma memória nacional, que muitas vezes opõem-se às memórias coletivas, que são sufocadas pelo caráter de verdade que a memória oficial carrega (POLLAK, 1989:08).

A memória nacional é construída a partir de um processo de organização de seus elementos, ou seja, é a sistematização das narrativas que o grupo dominante deseja impor. Assim, a referência que se faz ao passado (selecionado) é útil para manter e legitimar grupos e instituições, além de disseminar o próprio passado e a imagem que constituíram de si mesmas. Nesse sentido, a memória, entendida sua importância, é disputada em conflitos na sociedade e enquanto algo litigioso passa por mudanças nos elementos que a constituem. O conceito de trabalho de enquadramento da memória exemplifica tais disputas e mudanças tratando a respeito de uma tentativa de “unificação de manutenção da unidade” (POLLAK, 1992:07) por parte dos historiadores e de instituições sociais.

Para a realização do trabalho de controle da imagem que se quer passar são eleitas “testemunhas sóbrias e confiáveis” (POLLAK, 1989:10) e objetos materiais – lugares de memória, segundo Pierre Nora<sup>7</sup> –, como monumentos, museus, bibliotecas, acervos, etc., que são criados com um objetivo: “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993:13). Essa história presente em tais lugares representa uma memória privilegiada materializada e sua função fundamental “é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (NORA, 1993:22).

---

<sup>7</sup> Para o autor, um *lugar de memória* “não poderia nunca ser reduzido a um objeto material, mas sim, ao contrário. A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais”. BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o historiador da memória (entrevista). *História Social*, Campinas – SP, nº06, 1999, p.30.

Encarado como um lugar de memória o jornal *O Tibagi*, meio de comunicação de propriedade da Klabin, construiu uma narrativa sobre o que gostaria que a sociedade telemacoborbense entenda enquanto o que faz ou não parte de sua memória coletiva e relacione essa visão da instituição à sua própria identidade, gerando, muitas vezes, uma relação de dependência histórica a uma empresa privada.

Pensando nesses pontos de referência na discussão sobre memória é possível tomar a mídia impressa, mais especificamente o jornal *O Tibagi*, como um objeto de expressão de uma tentativa de organizar uma memória oficial.

O jornal *O Tibagi* foi o primeiro veículo de comunicação de massa em Monte Alegre e, posteriormente, Telêmaco Borba. Conforme os escritos de CORAIOLA (2003), “nos seus quase 50 anos de existência, foi o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel” (p. 193).

Com sua primeira edição publicada no dia 23 de novembro de 1948, teve como fundador e diretor Horácio Klabin (1912-1996), que chegou à localidade no final do ano de 1947 para assumir o cargo de Diretor Administrativo na indústria de sua família.

O jornal de Horácio Klabin foi, inicialmente, impresso com tiragem de 1.200 exemplares, mais tarde 5.000. Era distribuído gratuitamente aos funcionários da fábrica e até mesmo aos acampamentos mais distantes da sede da indústria. Esses exemplares eram também enviados para Tibagi, Castro, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, onde havia escritórios ou pessoas relacionadas à Klabin (SILVA, José. 2013)<sup>8</sup>

Esse jornal, que era produzido e impresso em prédio próprio, totalmente vinculado à indústria – tanto que seus funcionários eram contratados pela fábrica, mesmo que não exercessem funções diretas em tais dependências – tratava de temas relacionados à comunidade, dando destaque às notícias relacionadas aos times de futebol da localidade e elegendo a Miss Monte Alegre, através de um concurso de beleza, por exemplo.

---

<sup>8</sup> SILVA, José. Entrevista sobre o jornal *O Tibagi*. 16.03.2013.

As edições do jornal, em geral, somavam entre 06 e 08 páginas e tinham colunas fixas como a “Última Hora”, que tratava a respeito dos acontecimentos, sejam eles políticos ou culturais, ocorridos dentro e fora do país (subtítulo “Exterior”) durante a semana e as “Crônicas Internacionais”, trazendo notícias sobre o contexto político, econômico e social de outros países. A coluna “Harmonia”, escrita por Lauro Nery, tratava sobre o cotidiano da localidade e suas histórias na perspectiva do autor. Algumas das colunas fixas eram de humor, como duas séries em quadrinhos: “Acácio” e “Margarida”. Existiam também as destinadas às mulheres, como a “O que sabe dos homens e das mulheres” e a “Já conhecia este prato?”. Para o público masculino existia a “Página Esportiva”. Outra coluna que se destacava era a “Sociais”, que falava dos eventos na localidade, como batizados, casamentos e aniversários. Além das colunas fixas, existiam também poesias e crônicas, “curiosidades”, palavras cruzadas, charadas, cursos de português, além de grande espaço dedicado à publicidade: entre outros, “nele anunciam os mais importantes fornecedores de Klabin do Paraná” (FERNANDES, 1974:127).

Na página 02, onde se localizava o expediente do jornal, havia ressalva: “Não nos responsabilizamos [sic] por conceitos emitidos por nossos colaboradores em artigos assinados”<sup>9</sup>. É no mínimo curiosa tal observação uma vez que o jornal antes de ser impresso era enviado para a avaliação dos diretores da Klabin para só então chegar ao conhecimento da população (SILVA, José. 2013). Assim, entende-se que o que se publicava no jornal só estava ali por se encaixar nas perspectivas de seus donos. Dessa maneira, entende-se que a coluna *História de Monte Alegre*, escrita por Karl Zappert, em 1949, vem atender a uma necessidade: contar aos moradores da localidade sua história, dentro de uma perspectiva privada, construindo memórias e identidades.

A *História de Monte Alegre*, impressa entre 25 de janeiro de 1949 e 26 de abril de 1949, sempre na página 07, é uma coluna composta por uma série de 13 artigos que teve como objetivo, segundo sua própria chamada, abordar “todos os detalhes de sua formação [de Monte Alegre], desde o início até a presente data” (*O Tibagi*, nº10:1).

---

<sup>9</sup> O Tibagi. Monte Alegre, p.02.

O autor coluna, Karl Zappert – engenheiro austríaco e especialista na fabricação de papel – mudou-se para Monte Alegre quando da sua contratação em 1941. Escreveu sua coluna a partir do que viveu na localidade e segundo a chamada do jornal para seus escritos, em 25 de janeiro de 1949, ele foi “Um dos pioneiros de M. A. conhecendo todos os detalhes de sua formação, desde o início até a presente data, não há pessoa melhor informada para o assunto de que trata em seus artigos” (*O Tibagi*, nº10:01). As maneiras de Zappert rememorar a história da localidade foram inscritas dentro do contexto industrializante em que estava inserido, construindo uma narrativa sob a ótica dos industriais e influenciando a formação da memória do cidadão telemacoborbense.

Durante sua narrativa existe a recorrente associação dos acontecimentos a grandes homens e personagens que não necessariamente fizeram parte do espaço-tempo de quem os rememora através da leitura, mas que, de qualquer maneira, cria um imaginário em torno dessas personalidades, as colocando como imprescindíveis na construção histórica do local<sup>10</sup>.

A partir da análise de discurso – aqui pautada nos escritos de ORLANDI (2010) – da coluna *História de Monte Alegre*, será possível apreender e compreender como, através de processos linguísticos na narrativa, a Klabin vem exercendo uma discursividade sobre o que deseja que a sociedade telemacoborbense entenda enquanto o que faz ou não parte de sua memória coletiva e relacione os discursos da instituição à sua própria identidade.

A análise de discurso está diretamente relacionada com o conceito de memória e, seu antagônico, o esquecimento. Ambos são elementos fundamentais para a compreensão discursiva. Os silêncios, as perspectivas, as escolhas de palavras nas composições discursivas, também são reveladores na ordem do discurso.

Na formação de um discurso, o sentido não está nele próprio, “mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico

---

<sup>10</sup> Processo de significação semelhante ocorre com nomes de ruas (Avenida Samuel Klabin e Horácio Lafer, só para citar alguns exemplos) ou bustos (de Horácio Klabin) expostos em praças públicas (Praça Horácio Klabin).

em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2012:42-43). Assim, o processo de produção de sentidos tem relação com a ideologia<sup>11</sup> do grupo dominante – no caso deste trabalho, a Klabin – que determina o que deve e o que não deve ser dito.

Para a linguística, a ideologia é usada como um mecanismo de apagamento da interpretação: “nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico” (ORLANDI, 2012:45-46). É dessa maneira que a ideologia influencia o que é dito e o que é não-dito em um discurso. O dizer tem relação direta com o não-dizer, que está implícito. São complementares, pois “de todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2012:82). Existe um não-dizer imprescindível, sendo o silêncio um “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2012:83). E são as relações de poder que produzem esses silêncios: o que não está sendo dito (inconsciente) e o que não pode ser dito (consciente).

Existem alguns pontos relevantes que devem ser considerados durante a análise de discurso, como é o caso dos esquecimentos. ORLANDI (2012), pautada nos escritos de M. Pêcheux (1975), apresenta dois tipos de esquecimento: o ideológico e o enunciativo. O primeiro trata de uma forma de esquecimento, muitas vezes inconsciente, e passa a compor o sentido a partir do modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia. O segundo tipo de esquecimento, o enunciativo, faz com que os sujeitos, ao falarem, o façam de determinada maneira e não de outra, ou seja, esta forma de esquecimento está significando no dizer, mesmo que o enunciador não tenha percepção disso.

---

<sup>11</sup> Uma das especificidades da análise de discurso é a ressignificação da noção de ideologia a partir da linguagem. Para os estudiosos da linguística, ideologia é “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2012:46). Ademais, entendem o trabalho ideológico como “um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá: é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando, onde e porquê, que o sentido de colonização produz seus efeitos” (ORLANDI, 2012:49).

Outro ponto relevante a esta análise se insere nas relações de força e de sentido: ao escrever, o lugar a partir do qual se fala constitui o próprio autor e, também, quem enuncia reflete, antes mesmo de escrever, sobre o impacto que suas palavras irão produzir no leitor.

Por último, a análise está no próprio discurso. Existem três tipos de discurso, que permitem ou não a polissemia, isto é, a aquisição de um sentido além de um sentido original. Esses discursos se relacionam, uma vez que não há um discurso totalmente autoritário, lúdico ou polêmico. ORLANDI (2012) exemplifica:

- a. discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;
- b. discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;
- c. discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos. (p.86)

A partir desse corpus de análise pautado nas categorias de significantes não-dito e esquecimento, perpassando as relações de força/poder e de sentido e dos tipos de discurso serão analisados fragmentos da coluna *História de Monte Alegre*.

Sobre os aspectos do não-dito, significâncias não expressas em palavras, mas que estão implícitas no texto, Karl Zappert escreve principalmente sobre os feitos da Klabin, como se toda a história da localidade fosse inteiramente decorrente dela.

A análise de dois fragmentos da fonte permite pressupor que foi com a chegada dos industriais à localidade que se iniciou a história do local. Trata-se, portanto, de um discurso (re)construtor de memórias: “... agora em 1937 começou o movimento em Monte Alegre, que se intensificou progressivamente nos próximos anos até que a população alcançava em 1947 um número de 12.000 pessoas (*O Tibagi*, nº10:07); e “Os primeiros que chegaram...” (*O Tibagi*, nº10:07). Nesse mesmo sentido é possível

observar uma colocação que fica entre os não-ditos e os esquecimentos, que intenta fazer esquecer o passado para construir uma história:

E é assim que foi escolhido o espigão entre o rio Tibagí e o rio denominado antigamente Rio das Mortandades para o lugar da futura fábrica, e a lomba bem ventilada no campo, por cima da futura fábrica, foi reservado para a cidade operária. Seguindo uma sugestão da Da. Ema Klabin, o Rio das Mortandades recebeu o nome de Rio Harmonia e o lugar da futura fábrica foi denominado Harmonia (*O Tibagi*, nº11:07).

Quando é mencionada uma antiga denominação sem relatar os processos de constituição do nome do rio é possível refletir a respeito da intenção desse não-dizer ou esquecimento e da finalidade de colocar a indústria como marco inicial da história da região.

Quando da análise dos esquecimentos, isto é, do que se sabe que existe na história de Monte Alegre através do estudo arquivos e fontes bibliográficas, mas que não estão explicitadas no texto de Zappert, é possível observar um esquecimento da história antecedente à chegada dos industriais na região:

Foi em 1937, quer dizer apenas 12 anos atrás, que a firma Klabin, pouco tempo depois de ter comprado a Fazenda Monte Alegre, começou a planejar a instalação de uma fábrica de papel e celulose neste lugar. (...) Pouca gente morava em Monte Alegre nesse tempo. Existia apenas a velha sede da Fazenda onde o Snr. Alcebiades Marques, sua exma. Senhora e filhas sempre cuidavam dos visitantes que chegavam de São Paulo ou Rio de Janeiro, para passar alguns dias de estudos no próprio lugar. Havia também o lugar denominado Lagôa, porém, aí onde agora existe uma pequena cidade, havia apenas algumas humildes casas habitadas pela família do Snr. Pedro Prestes, o qual todo o mundo conhece até hoje sob o nome de Pedro Lagôa, e que foi autoridade policial, e da justiça, eleito pelos próprios habitantes de Monte Alegre em número máximo de 200 almas. Fóra da Fazenda e da Lagôa havia apenas alguns acampamentos bem espalhados sobre o grande território de mais de 60.000 alqueires, e os poucos habitantes raramente se encontraram nessa vastidão (*O Tibagi*, nº10:07).

A partir da análise desse fragmento, primeiro parágrafo do artigo, percebemos que a história da localidade a partir de Zappert – não esquecendo que ele compartilha da memória do grupo dominante – se inicia com a chegada dos empreendedores. Apesar de fazer menção da habitação de algumas pessoas na região, não discorre sobre o passado do local, como aquelas pessoas chegaram ali ou sobre a tentativa de colonização do local pela *Companhia Agrícola e Florestal e Estrada-de-Ferro Monte Alegre*

(FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003). Ainda nessa perspectiva, é possível entender um discurso que remete ao progresso da localidade. Esse discurso pode ser responsável por uma relação de dependência histórica, que vem sendo forjada ao longo dos anos e das narrativas. Essas narrativas veiculam imagens do progresso como fruto do empreendedorismo dos industriais da Klabin.

Quando da análise do discurso sobre as relações de força e de sentido, é possível observar que as práticas discursivas procuram forjar determinados sentimentos nos cidadãos ali residentes, como o de cidade perfeita e harmoniosa, apresentando o local como uma oportunidade de vida e que ali está sendo iniciado progresso do Estado e etc.

O último ponto de análise que este trabalho se propõe está no próprio discurso. Se, ao relacionar as discursividades da coluna do jornal aqui estudada com as demais bibliografias<sup>12</sup>, é perceptível uma única visão, como se só existisse essa história como possível de ser contada, trata-se, então, de um discurso autoritário. Como exemplo é possível pensar a dependência criada nos discursos em relação aos Klabin como fundadores da cidade e as histórias que pertencem a esta. Em outra perspectiva, existe o discurso polêmico, que admite várias versões além do sentido “original”. A exemplo disto existe a passagem em que Zappert aborda as facilidades que a empresa teve na aquisição das terras e na própria construção do complexo fabril: “... e o saudoso Interventor Manuel Ribas, com seu entusiasmo característico, facilitou todos os empreendimentos para o estudo e preparo dos planos da industrialização desta zona do Estado do Paraná” (*O Tibagi*, nº11:07). Nesse sentido, entre fontes e bibliografias consultadas existem discursos dissonantes, que trazem mais de uma versão a esta “verdade”.

Por último, é possível também refletir sobre o discurso lúdico, principalmente no que diz respeito às práticas do cotidiano do cidadão morador de Monte Alegre, pois cada pessoa que tem escrito a este respeito a apresenta de uma maneira diferente, o que caracteriza este tipo de discurso.

---

<sup>12</sup> Para a realização desse trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as produções que perpassam a história de Telêmaco Borba e região.

A partir desta breve análise foi possível observar estratégias do grupo Klabin na maneira de contar a história de Monte Alegre e dentro desse processo de dominação sobre a história do município estão os conceitos de memória e identidade.

A narrativa que vem sendo (re)organizada sobre Telêmaco Borba a partir das indústrias Klabin exerce sobre os cidadãos uma discursividade a respeito do que deve ou não fazer parte da memória do telemacoborbense e, conseqüentemente, de sua identidade. Como exemplo disto existe a cidade apenas três narrativas que tratam especificamente da história da localidade e que também contribuem para a construção da memória e identidade do telemacoborbense, são elas: *Monte Alegre, Cidade Papel* escrita por Hellê Vellozo Fernandes, em 1974, *Capital do Papel* – a história do município de Telêmaco Borba de André Miguel Coraiola, em 2003, e *Telêmaco Borba o município* – história política da capital do papel e da madeira de Dinizar Ribas de Carvalho, em 2006. Nessas discursividades, o jornal *O Tibagi* aparece enquanto fonte de informações, ao mesmo tempo em que o nome Klabin se faz bastante presente. Entende-se dessa maneira que o discurso presente no periódico reelaboraram o passado e o futuro através das narrativas, principalmente pela “forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade” (ENNE, 2004).

Pensando no trabalho de construção de memórias por meio do discurso da *História de Monte Alegre* o que mais chama atenção é a função do não-dito e as fronteiras entre este e o esquecimento definitivo, pois “a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa (...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada (...) de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam impor” (POLLAK, 1989:06). Assim, juntamente com a análise de discurso foi possível apreender e compreender como, através de processos linguísticos na narrativa, a Klabin vem exercendo uma imagem coercitiva sobre o que deseja que a sociedade telemacoborbense entenda enquanto o que faz ou não parte de sua memória coletiva.

A identidade dos cidadãos telemacoborbenses está, em geral, relacionada à memória disseminada pelo grupo dominante de que Telêmaco Borba é da “cidade da

Klabin” (CORAIOLA, 2003:47), entretanto a memória e a história do local não podem ser reduzidas somente a estas discursividades. Existiram e existem outros agentes que possuem suas próprias memórias individuais e coletivas renegadas pela memória dominante e pela história oficial.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José D’Assunção. *História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço*. MOUSEION, vol.03, n.05, Jan-Jul/2009.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação - elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Thomaz - 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *Pierre Nora, ou o historiador da memória* (entrevista). História Social, Campinas – SP, nº06, 1999.

CARVALHO, Dinizar Ribas de. *Telêmaco Borba o município: história política da capital do papel e da madeira*. Curitiba, 2006.

CORAIOLA, André Miguel Sidor. *Capital do Papel: a história do município de Telêmaco Borba*. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.

CUNHA, Anacília Carneiro da. *Homem de Papel: Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (1942-1980)*. [dissertação] Curitiba, UFPR, 1982.

ENNE, Ana Lúcia S. *Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. VI(02): 101-116, julho/dezembro, 2004.

FERNANDES, Hellê Vellozo. *Monte Alegre - Capital do Papel*. Curitiba, 1974.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Perfil do Município de Telêmaco Borba*. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=84260&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=84260&btOk=ok). Acesso em 27.02.13.

MARGALHO, Maurício Gonçalves. *Klabin: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951)*. [dissertação]. Niterói, UFF, 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP, nº10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

\_\_\_\_\_. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

SILVA, José. Entrevista sobre o jornal O Tibagi. 16.03.2013.

VIEIRA, Ana Flávia Braun. *A história se repete: os bastidores da instalação da Klabin em Telêmaco Borba*. Jornal Página Um. Castro – PR. 08 de fevereiro de 2013.

FONTE:

ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. Jornal O Tibagi, jan/abr.1949.